



Land Art: reflexões sobre a experiência de estágio nos anos finais do Ensino Fundamental

Land Art: reflections on the internship experience in the final years of elementary school

Laura Martins¹
Giovanna Campello²
Fabiana Vidal³

Resumo

O presente trabalho apresenta experiências vivenciadas no estágio obrigatório do curso de Licenciatura em Artes Visuais da UFPE, realizado na turma do 6º ano do Colégio de Aplicação (CAp) desta mesma instituição. O tema que orientou nossa imersão na regência, "Land Art", trouxe a possibilidade de ensinarmos arte contemporânea nos anos finais do Ensino Fundamental. Na experiência, conhecemos o afeto que iniciou nossa construção do caminhar docente, mas também as frustrações pedagógicas, a quebra de expectativas à respeito da relação teoria/prática, ansiedades e medos de ser/estar docente, responsabilidades antes imperceptíveis, além da perspectiva vista ao atuarmos como docentes. Também relatamos o processo de organização do plano de aula, as preocupações e adequações do conteúdo com a faixa etária que iríamos atuar e os atravessamentos vividos no processo.

Palavras-chave: Estágio em Artes Visuais. Ensino Fundamental. Vivência Docente. Land Art.

Abstract

This work presents experiences during the mandatory internship of the Degree in Visual Arts course at UFPE, carried out in the 6th year class of the Colégio de Aplicação (CAp) of this same institution. The theme that guided our immersion in regency, "Land Art", brought the possibility of teaching contemporary art in the final years of Elementary School. In this experience, we know the affection that began our construction of the teaching journey, but also the pedagogical frustrations, the breakdown of expectations regarding the theory/practice relationship, anxieties and fears about being a teacher, that were previously imperceptible responsibilities, as well as the perspective seen when we acted as teachers. We also reported the process of organizing the lesson plan, the concerns and adaptations of the content to the age group we were going to work and the obstacles experienced in the process.

Keywords: Internship in Visual Arts. Elementary School. Teaching Experience. Land Art.

1 Licenciada em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pernambuco; e-mail: laura.msmartins@ufpe.br.

2 Licenciada em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pernambuco; e-mail: giovanna.rcampello2@ufpe.br.

3 Docente de Artes Visuais do Colégio de Aplicação da UFPE e do Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais UFPE/UFPB. Doutora em Educação e Mestra em Educação - UFPE; e-mail: fabiana.vidal@ufpe.br, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0439-7378>

Período de observação e primeiras impressões⁴

Nossa jornada no primeiro estágio obrigatório na educação básica no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Pernambuco (CAp/UFPE), iniciou pelo Núcleo de Estágio e Formação Docente (NESF). Esse foi um momento de muita expectativa, pois imaginávamos rever a realidade que víamos em nossas memórias das escolas que vivenciamos, como as questões das relações sociais, as aulas enfadonhas e suas metodologias tradicionais em sua maioria, e, principalmente, era novidade para nós observar e lecionar aulas de Artes Visuais, já que nossas experiências escolares foram quase inexistentes e frustrantes.

O estágio, composto por 120 horas, sendo: 60 horas destinadas aos encontros com a orientadora da disciplina de estágio, 30 horas contemplando observação geral - observação de outros componentes curriculares -, 10 horas de observação específica de aulas de Artes Visuais e 20 horas destinadas à regência, estas divididas em, 8 horas para planejamento, produção de pareceres avaliativos, escritas de relatos de aulas, conselho de classe, 10 horas para efetiva regência (5 semanas) e 2 horas para aula de campo.

Vale destacar que no CAp/UFPE, nas aulas de Artes Visuais, uma turma com 30 estudantes passa a ser dividida em dois grupos de 15, Grupos 1 e 2, que assistem aulas em dias diferentes. O estágio foi realizado na turma do 6º ano A e durante todo o estágio, ambas estagiárias estariam presentes para auxiliar, como agente de apoio, considerando, sobretudo, o nervosismo e os desafios de assumir uma turma pela primeira vez, no entanto, a regência seria realizada individualmente.

No primeiro dia passeamos pela escola para ver a movimentação e encontramos a sala de Artes Visuais, onde tivemos a oportunidade de tirar dúvidas iniciais e ter um primeiro contato com uma das turmas da escola, acompanhada de uma docente de Artes Visuais da Instituição. Como impressão inicial, percebemos que

⁴ O presente artigo, relato de experiência de estágio, faz parte dos trabalhos apresentados na 6ª edição do Papo de Estágio, ocorrido nos dias 11 e 12 de dezembro de 2023, e selecionados para a publicação.



era uma turma animada e que causava uma certa dificuldade à professora, o que nos fez sentir como seria nossa turma e nossas aulas futuras. Ainda neste mesmo dia, conhecemos o Grupo 2 do 6º ano A e esse primeiro contato quebrou todas nossas expectativas. A turma se mostrou super interessada pela aula de Artes Visuais, os/as estudantes, com idade entre 11 e 12 anos e comportamento que transita entre a infância e a adolescência, nos receberam com carinho e curiosidade de quem éramos. Também neste dia, conhecemos a docente supervisora, cuja primeira impressão foi a de uma professora maravilhosa em sua atuação docente, atenciosa conosco e disposta a responder nossas dúvidas e a trabalharmos juntas.

Na primeira observação da supervisora, percebemos que sua metodologia era guiada pelas ações da Abordagem Triangular, em que o ler, o fazer e o contextualizar estavam atuando juntos. Na semana seguinte, conhecemos o Grupo 1 e percebemos uma concentração maior para cada orientação da professora, além disso, ao começarem a prática, após a explanação do conteúdo expositivo, o foco na realização da produção era perceptível.

Sobre o período de observação, nos chamou atenção os diferentes níveis de experiências e conhecimento que as crianças vivenciaram antes de ingressarem no CAP, sendo este um fator também sinalizado pela supervisora e considerado em nosso planejamento das aulas.

Concomitantemente ao período de observação e à escrita do plano de aula, durante o período do estágio, fomos instigadas a ler e estudar conteúdos advindos do componente curricular Estágio I, oferecido pela docente Luciana Borre, tais como: Domingos, Silva e Nunes (2018), Marques e Amaral (2015), Nunes e Silva (2017) e Lorega Filho (2017). Além deste material, também tomamos como referência os artigos disponibilizados pela docente supervisora, a saber: Santos (2016); Reichert e André (2021), materiais midiáticos de entrevistas com autores da Arte/Educação, como Ana Mae Barbosa, Susana Rangel e Fabio Wosniak.

Estes estudos contribuíram para provocar novas visões e entendimentos sobre a vivência docente, ideias e improvisos providos das adaptações vivenciais em cada



espaço educacional e para refletirmos sobre os modos de pensar e praticar os conteúdos de Artes Visuais em contextos diferentes, levando em consideração as condições individuais dos/as estudantes, a instituição escolar, como também questões gerais, socioeconômicas, materiais de estudo, entre outros.

1. Construção do plano de aula

Passado o período de observação e ao nos aproximarmos da regência, buscamos o programa anual do componente curricular e encontramos o conteúdo “Arte e Natureza”. Em seguida, buscamos nas leituras de Domingos, Silva e Nunes (2018) e em Bemvenuto e Oliveira (2019) reflexões sobre a forma de abordar o assunto de uma maneira diferente da qual aprendemos até na nossa formação inicial. Em especial, o segundo artigo citado nos influenciou com suas reflexões de vivências artísticas que ocorreram no CAp da UFRJ.

Iniciamos nosso planejamento com reuniões presenciais com a supervisora, além de diálogos via WhatsApp, trazendo uma chuva de ideias sobre tópicos específicos a serem abordados, posto a amplitude do tema. Assim, partimos do estudo de paisagens de um modo geral e direcionamos, em seguida, o foco para a paisagem do sertão, considerando a aula de campo para o Museu Cais do Sertão, programada para acontecer antes do início do estágio. Em seguida, direcionamos para o estudo da “Land Art” e, mesmo sendo este um conteúdo inserido na Arte Contemporânea, tema que nos identificamos, a temática era, até então, um assunto novo para nós, pois nunca havíamos estudado sobre isso na formação inicial, o que nos empolgou pela possibilidade de praticar algo diferente e novo para nós e para os/as estudantes.

Inspiradas pela forma de atuação da supervisora, também tomamos a Abordagem Triangular como referência e planejamos a partir das três ações: ler imagens, fazer artístico e contextualização. Assim, para nossa fundamentação, buscamos referenciais estudados ao longo da nossa formação inicial e artigos compartilhados pela supervisora, a exemplo de Lampert (2010), o Caderno 06 do



Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (BRASIL, 2015), Rizzi e Silva (2017), Vidal (2023) e Dias (2021). Estes estudos apontam-nos para uma visão de que os três pilares da Abordagem Triangular funcionam juntos, ao mesmo tempo, não de forma separada e com um momento específico para acontecer. Por fim, também buscamos orientações em Ostetto (2011) sobre a necessidade de explorar diferentes linguagens, além da que somos acostumadas a vivenciar, em Vigotsky (1995) para pensar a mediação dos processos de aprendizagem através do diálogo, e em Nascimento e Cirele (2021) recorreremos ao leque de possibilidades explorando manipulações de diversos materiais e de recursos tecnológicos.

Com estes referenciais, definimos que durante a regência, a leitura, a contextualização e a prática seriam realizadas aula a aula, sendo cada encontro organizado com um estudo de obras para discussão, contextualização e produções, também decidimos que faríamos aulas em sala e em espaços externos da escola, promovendo também conexão dos conteúdos e a ampliação dos repertórios visual e artístico-cultural das/os estudantes, a partir de produções individuais e coletivas.

Concomitantemente, desde o início do estágio, realizamos estudos sobre avaliação, para pensar o próprio processo a ser vivenciado e a conclusão da regência com a escrita dos pareceres escolares do final da etapa, para isso pesquisamos sobre avaliação visando as necessidades individuais e coletivas dos/as estudantes, então, em reuniões com a supervisora, encontramos pontos em comum na discussão sobre avaliação mediadora da autora Jussara Hoffmann (2012, p. 46) para quem o processo de avaliação dar-se “embasando a observação, a reflexão e a ação pedagógica” a partir de uma avaliação contínua e de forma que o protagonismo dos/as estudantes fosse contemplado.

A partir do exposto, considerando os limites do texto, apresentaremos apenas um recorte da experiência vivenciada.



Regência: Possibilidades, vivências, experimentações e aprendizagens

Já tendo estudado paisagens, entramos no conteúdo Land Art e para introduzir o assunto, apresentamos alguns artistas como: Robert Smithson, Michael Heizer, Jeanne-Claude e Christo, Nancy Holt, Walter de Maria, Herman de Vries, Alberto Carneiro, entre outros, apresentando algumas obras desses/as artistas em slides. Neste dia, além de iniciarmos com uma roda de conversa, que passou a ser algo presente em cada encontro, propomos uma saída do espaço da sala de aula, indo em busca de elementos naturais no pátio do colégio. Posteriormente, retornamos à sala de aula para a continuidade da atividade prática utilizando os materiais naturais coletados, com o intuito de ampliar o repertório visual dos/as estudantes. Assim, em função da dificuldade de fazer colagem em papéis dos materiais trazidos, foi proposto que as composições fossem realizadas nas mesas, dando mais liberdade à ideia de grandes dimensões presente nas produções de Land Art estudadas.



Fig.1: Produções (Grupo 1 e 2).

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023).

Além de trabalharmos a Land Art com elementos naturais, mostramos possibilidades com materiais alternativos que este mesmo movimento considera e que estão presentes nas obras de Walter de Maria, por exemplo. Sendo assim, planejamos uma aula com açúcares coloridos, dentre outros. Começamos a aula lembrando o conteúdo de Land Art, pois sentimos a necessidade de definir melhor qual tipo de



desdobramento encaminharíamos e tínhamos como foco trabalhar com uma característica importante, a efemeridade da obra. Em seguida, foram distribuídos papéis tamanhos A4 para a realização de esboços, tomando os projetos de Robert Smithson, para pensar que tipo de paisagem poderiam compor, visando ampliar o esboço para um papel de dimensão maior, usando, para isso, os materiais artificiais/alternativos. Assim, disponibilizamos tampas de garrafa, papéis crepons, serragem, e açúcares coloridos, material que, a princípio não constava no plano de aula e que causou grande turbulência na sala, posto que os/as estudantes não conseguiram se conter diante desse material, muitos/as, inclusive, ingerindo-os.

Neste dia, saímos da sala de aula angustiadas e com o sentimento de frustração, mas também certas na necessidade de repensar o planejamento, pois não havíamos nos dado conta do que poderia acontecer ao levarmos um material comestível e atrativo para os/as estudantes, sem que constasse no planejamento e sem pensar nos desdobramentos. Esta experiência, vivida com o Grupo 1, mostrou a urgente necessidade de mudanças no plano, não sendo repetida a mesma proposta para o Grupo 2. Posteriormente, ao reescrever este relato, percebemos que foi um importante aprendizado, talvez para sairmos dessa idealização de professoras imutáveis aos acontecimentos do acaso, para pensar a importância de exercitar a capacidade de improvisação, sendo o plano de aula, um esboço onde na prática a aula se desdobra em outras possibilidades, até mais espontâneas do que as atividades pensadas. Podemos ver a seguir, algumas produções realizadas:





Fig. 2: Produções com materiais alternativos (Grupo 1).

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023).

Após a vivência experienciada, discutimos a reorganização necessária à nossa prática. A partir de então, passamos para a perceber a necessidade de orientar as ações em etapas mais definidas, como: idealização, esboço em A4, esboço expandido, acabamento (pintura), finalização (assinatura), processo esse que se mostrou aprovado pela turma, deixando-os/as seguros/as do que precisava ser produzido em cada aula, diminuindo a ansiedade e pressa que todos/as sentiam a respeito das atividades. Aos poucos percebemos que a confiança em nós mesmas havia se tornado crescente em enfrentar as adversidades das aulas e de encarar as adaptações como aprendizado, não como auto-julgamento crítico.

Em outro momento, exploramos a característica mais visualmente potente da Land Art. Levantamos questionamentos como: “É possível criar arte com a natureza sem feri-la? Para interagir com a natureza, é preciso que a desmatemos?”. Para tanto, partimos da produção de esboços individuais, depois, em grupos, os/as estudantes discutiram qual desenho gostariam que fosse materializado numa composição a ser realizada no pátio da escola. Vejamos a seguir alguns resultados:



Fig. 3: Land Art (Grupo 2).

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023).

Dando continuidade ao grande tema “Arte e Natureza”, em conversa com a docente supervisora, fomos apresentadas ao trabalho da artista espanhola, Elena Nuez, que trabalha com pintura de elementos naturais, principalmente, em folhas e pedras dos mais variados tamanhos. Assim, passamos a buscar um pouco mais da produção da artista e levamos para sala de aula algumas imagens para os encontros seguintes, vejamo-los:



Fig. 4: Acervo Elena Nuez.

Fonte: bicocacolors.blogspot.com.

Na continuidade, propusemos uma produção seguindo o processo criativo da artista e elegemos o tema “Estamparia na Land Art”, tomando as padronagens diversas elaboradas por Elena Nuez em diferentes folhagens e pedras coletadas, conforme podemos ver algumas etapas do processo a seguir:



Fig. 5: Estamparia em Land Art - Grupos 1 e 2.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023).



Fig. 6: Estamparia em Land Art - Grupos 1 e 2.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023).

Considerações finais

Ao final do estágio, unido à escolha de lecionar no ano em que faz parte da transição dos anos iniciais para os anos finais do Ensino Fundamental, onde há uma efervescência de modificações nos/das estudantes, admitimos que foi uma experiência sem precedentes, pois, até então, não tínhamos a percepção de como ela poderia proporcionar vivências tão avassaladoras quanto de participar, com(partilhar), e construir conhecimento com tantas pessoas, explanando, desenvolvendo, modificando/adaptando os planos de aula às necessidades coletivas e individuais, improvisando e avaliando, o que nos proporcionou, principalmente, observar a mesma turma em diferentes facetas apresentadas por cada docente e em cada componente curricular, algo que descobrimos ao presenciarmos o conselho de classe ocorrido na penúltima semana de estágio, período de encerramento de mais uma etapa escolar.

Sobre os conteúdos vivenciados, o tema Arte e Natureza nos proporcionou reflexões sobre novas percepções de lugares que a arte pode ocupar, de olhar para o entorno e buscar o que faz sentido para os/as estudantes, possibilitou também perceber a liberdade para interagirmos com a obra de arte, fazendo-nos parte dela, e de sua natureza efêmera, assim como foi a nossa experiência: desafiante, passageira, mas permanente em nossas vidas e na de todos/as da turma, e, principalmente, em nossa caminhada docente, desfazendo também o nosso olhar, desmistificando as figuras de autoridade que víamos e de nós mesmas.

Referências

BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, F. P. da (Org.). **A Abordagem Triangular no ensino das artes e culturas visuais**. São Paulo: Cortez, 2010. Acesso em: 19 Abr. 2023

BEMVENUTO, Virna da Silva; OLIVEIRA, Letícia C. da S. (Per)Formações de um desenho incorporado. **Revista Artes de Educar**. Rio de Janeiro, v.5, 2019.

Revista Cadernos de Estudos e Pesquisa na Educação Básica, Recife, v. 10, n. 2, Edição Especial, 2024.

ISSN: 2447-6943

Este artigo está licenciado sob forma de uma licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a publicação original seja corretamente citada.

https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



BORBA, I. B. S. D.; SANTOS, Lizandra; NUNES, Luciana Borre. Diários de Estágio: relatos e percepções da prática docente. In: SILVA, Maria Betânia; BORRE, Luciana;

BORRE, Luciana; SILVA, Maria Betânia (Orgs.). **(R)existir**: práticas pedagógicas em artes visuais, dança e teatro. Recife: Editora UFPE, 2017.

BRASIL. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. A arte no ciclo de alfabetização. Caderno 06 / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. – Brasília: MEC, SEB, 2015.

CUNHA, S. R. V. da. Materiais da/de Arte para as crianças. **Olhar de Professor**, 2021.

DIAS, R. F. Habitando desenhos: uma experiência de ensino em arte sobre o espaço cotidiano. **Revista Apotheke**, Florianópolis, v. 7, n. 2, 2021.

HOFFMANN, J. Avaliação e educação infantil: um olhar sensível e reflexivo sobre a criança. Porto Alegre: Mediação, 2012.

LAMPERT, J. Deambulações sobre a contemporaneidade e o ensino das artes visuais e da cultura visual. In: Barbosa, A.M.; Cunha, F. P. da. (Orgs.). A abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais. São Paulo: Cortez, 2010.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução de João Wanderley Geraldi, Unicamp, Departamento de Linguística, 2002.

MARQUES, S. A. T. Receita para arrancar poemas presos. In: NUNES, Luciana Borre; TEZZA, Marianne. (Org.). Receita para arrancar poemas presos. Recife: Edusp, 2015.

NUNES, Luciana Borre e SILVA, Maria Betânia (orgs.). (R)existir: práticas pedagógicas em artes visuais, dança e teatro. Recife: Editora UFPE, 2017.

NUNES, L. B., SILVA, M. B. e ROMERO, Eduardo (orgs.). “Sem mandamentos” : conversas de estágio em artes visuais, dança e teatro. Recife: Ed. UFPE, 2018.

OSTETTO, L. E. Educação infantil e arte: sentidos e práticas possíveis, 2011.

REICHERT, M. C.; ANDRÉ, C. M. Considerações sobre a aula de arte: repensando saberes e fazeres. **Revista Apotheke**, Florianópolis, 2021.

RIZZI, M. C. S. L; SILVA, Mauricio da. Abordagem Triangular do Ensino das Artes e Culturas Visuais: uma teoria complexa em permanente construção para uma constante resposta ao contemporâneo. Revista **GEARTE**, Porto Alegre, 2017.

Revista Cadernos de Estudos e Pesquisa na Educação Básica, Recife, v. 10, n. 2, Edição Especial, 2024.

ISSN: 2447-6943

Este artigo está licenciado sob forma de uma licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a publicação original seja corretamente citada.

https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



ROMERO, Eduardo (Orgs.). **Sem mandamentos**: Conversas de Estágio em Artes Visuais, Dança e Teatro. Recife: Editora UFPE, 2018.

SANTOS, V. de A. L. dos. Fotografia “dentrofora” da escola: representação, apresentação e tradução do mundo juvenil. Retratos parciais. Revista **GEARTE**, 2016.

VIDAL, F. S. L. Das memórias e encontros com a Abordagem Triangular às reverberações na prática em Artes Visuais. Revista **GEARTE**, 2022.

VIGOTSKY, L.S. Obras escolhidas. Tomo III. Madrid: Visor, 1995.

Revista Cadernos de Estudos e Pesquisa na Educação Básica, Recife, v. 10, n. 2, Edição Especial, 2024.

ISSN: 2447-6943

Este artigo está licenciado sob forma de uma licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a publicação original seja corretamente citada.

https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR

